

Na despedida, emoção igual à da vitória no Colégio

BELO HORIZONTE — A manifestação popular que acompanhou o cortejo com o corpo do Presidente Tancredo Neves só é comparável à entrada triunfal do próprio Tancredo na cidade, no dia 17 de janeiro, após a vitória no Colégio Eleitoral. A despedida do povo de Belo Horizonte foi marcada por episódios de muito carinho. Já na saída do cortejo, a multidão começou a gritar: "Vão devagar, para o povo acompanhar".

O corpo de Tancredo chegou ao aeroporto às 13h55m. Colocado sobre um caminhão do Corpo de Bombeiros, que o conduziu pelo percurso de 18 quilômetros, chegou ao Palácio da Liberdade às 15h11m. Ao longo do trajeto, milhares de populares se acotovelavam para dar o último adeus ao Presidente.

Ainda na praça do Aeroporto, cerca de cinco mil pessoas esperavam a oportunidade de se despedir de Tancredo. Por onde o cortejo passava, ouviam-se aplausos e lenços e bandeiras eram acenadas. Quando o cortejo chegou a Avenida Antô-

nio Carlos, corredores e ciclistas passaram a acompanhá-lo. Em vários pontos do trajeto, o Hino Nacional era cantado com todo o vigor.

As marquises estavam apinhadas de gente e as fachadas das casas e edifícios exibiam bandeiras, faixas e tarjas negras. Um grupo de operários escalou um imenso guindaste para melhor ver o corpo de Tancredo.

O povo corria ao lado do caminhão. Uma fila de táxis acompanhou o cortejo até a Praça da Liberdade. A medida que a comitiva passava, mais e mais automóveis juntavam-se a ela, apesar dos esforços dos 4.600 soldados da Polícia Militar colocados ao longo do percurso, que tentavam impedir a aglomeração.

No centro de Belo Horizonte, na Avenida Afonso Pena, uma tempestade de papel picado foi jogada das janelas. O povo gritava em coro: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil. Tancredo ainda é o Presidente do Brasil". Na Praça Sete de Setembro, o

obelisco, marco de fundação da cidade, estava enfeitado com todo tipo de bandeiras. Quando o cortejo passou pela Igreja São José, tradicional ponto de concentração popular de Belo Horizonte, os sinos dobraram.

A Polícia Militar calculou a multidão em 600 mil pessoas, mas houve quem chegasse a um milhão em suas estimativas. Só na Praça da Liberdade concentraram-se mais de cem mil pessoas.

— Não vai existir outro igual a ele — desabafou, acenando de um elevado sobre a Avenida Antônio Carlos, o fotógrafo aposentado João de Oliveira Barbosa.

Além dos corredores, ciclistas e automóveis, o cortejo foi acompanhado também por mais de 2.500 motociclistas, jovens na maioria, buzinando sem parar.

Na Praça da Liberdade, do alto do edifício Niemeyer — onde Tancredo ficava quando vinha a Minas — pendia uma faixa negra de 30 metros de comprimento por um de largura, do décimo-segundo ao

segundo andar. Foi a homenagem de seus vizinhos de apartamento, inconformados com a perda do "grande amigo", como o definiu o porteiro, Sinval Gonçalves da Silva.

Aléia Dias, 46 anos, soluçava. Com dificuldade, resumiu seu sentimento:

— Perdi o pai pela segunda vez.

Lourdes de Paiva Machado, 32 anos, saiu às 7 horas de casa, na periferia da cidade, com três dos quatro filhos — deixou o bebê com a vizinha. As 16 horas, alimentada com apenas um pãozinho, não se queixava:

— Por ele eu faço o que for preciso. Não me importo. Só vou embora depois de ver o doutor Tancredo.

● O corpo de Tancredo segue hoje às 8 horas de helicóptero do Palácio da Liberdade para a Base Aérea da Pampulha, e não mais direto para São João Del Rei. Na Base Aérea, o corpo será transferido para um avião da FAB, que seguirá para São João. A alteração foi anunciada ontem à noite pelo Governo de Minas.